

# Outros saberes adentram o currículo

Desde o início do Programa de Ações Afirmativas, em 2008, vêm ingressando na UFRGS alunos com perfis cada vez mais distintos. É visível para quem circula pelos diferentes câmpus a diversidade de fisionomias e olhares que se fazem presentes. No entanto, isso não se reflete de maneira equivalente em todos os âmbitos acadêmicos. Saberes tradicionais de matrizes étnico-raciais, às quais pertencem muitos desses estudantes, por exemplo, não costumam fazer parte do corpo de conhecimentos ensinados e validados pela Universidade. Diante de tal cenário, faz-se incontornável o tema da interculturalidade no ensino superior, no sentido de ser insuficiente apenas reconhecer a existência desses sujeitos e incluí-los. Está em questão também a revisão do histórico de hegemonia de um modo de produzir conhecimento em detrimento de outros.

Cotidianamente, esses alunos esbarram no desconhecimento e na falta de sensibilidade, por parte de professores e colegas, em relação a suas vivências e à realidade de onde provêm. A princípio, a expectativa é de que eles se moldem ao ambiente acadêmico existente. No entanto, algumas movimentações internas que almejam uma troca intercultural de fato já vêm desafiando a Universidade a também se moldar a esses novos perfis que agora circulam pelos câmpus.

Esse é o caso da disciplina Encontro de Saberes. Com oferta regular desde o segundo semestre de 2016, configura-se como oportunidade de os discentes terem contato com conhecimentos ancestrais diretamente pela voz de mestres de comunidades populares tradicionais, que se encontram ali presentes como sujeitos reais – e não na forma de objetos de estudo. As aulas que ministram são planejadas junto com docentes-anfitriões de várias unidades acadêmicas que os recebem na disciplina. A proposta é provocar o diálogo entre diferentes paradigmas civilizatórios por meio de atividades de ensino transdisciplinares inseridas no currículo.

No ano passado, oito docentes de áreas como Música, Agronomia, Antropologia, Educação, Letras, Museologia e Economia receberam os Mestres Jorge Domingos, Iracema Rah-Teg Nascimento, Maria Elaine Rodrigues Espíndola e Maurício Messa de Oliveira, que puderam expor no âmbito do ensino algumas nuances e vivências de matrizes indígenas e afrodescendentes.

TEXTO FELIPE EWALD

FOTOS RAMON MOSER / FLÁVIO DUTRA



# Completando o ciclo iniciado com as cotas

Antes de ingressar na licenciatura em História em 2016 – atualmente cursa o terceiro semestre –, Duan Barcelos via na Universidade um mundo totalmente antagônico ao seu. Morador da periferia de Porto Alegre, evadiu-se da escola para buscar trabalho e só conseguiu a certificação de conclusão do ensino secundário por meio da realização do Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM). Enquanto estava no colégio, nunca foi encorajado a considerar a realização de um curso superior, que dirá numa universidade pública federal, como uma opção para o futuro. Por incentivo da família, tomou a decisão de tentar a vaga na UFRGS e chegou a cursar o cursinho Resgate Popular.

“Este ano caiu a ficha de que faço parte do universo acadêmico”, surpreende-se. Com isso, tem a impressão de ser um sujeito híbrido: convive com as pessoas mais próximas de si na periferia; ao mesmo tempo, está na universidade. Duan observa que o equilíbrio entre esses dois universos se revela difícil e receia perder contato com o mundo de onde vem.

Esse quadro de instabilidades e fragilidades, no entanto, é apenas uma parte deste sujeito. Criar uma narrativa que o reduza a isso seria cair numa armadilha. José Antônio dos Santos, pesquisador e servidor integrante da equipe do Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS), alerta para o fato de que a imagem do negro na historiografia brasileira é constantemente marcada pela vitimização. Sem ignorar as injustiças e violências ocorridas, ele ressalta que há, por outro lado, inúmeros casos de protagonismo – que, ultimamente, têm sido mais destacados pelos historiadores.

Nessa linha têmue a ser percorrida, destaca-se também na trajetória de Duan uma atuação esclarecida: está ciente do lugar que ocupa e pontua a visibilidade do negro na História. Ele comenta que, em geral, a questão não é tratada em sala de aula. Então, ele faz apontamentos que os professores costumam acolher, ainda que alguns alunos torçam o nariz – como na aula sobre Egito em que ressaltou a necessidade de se desmistificar a imagem de Cleópatra como Elizabeth Taylor. Outra frente de protagonismo em que se faz presente sua vivência periférica diz respeito a sua atuação no sarau de literatura negra Sopapo Poético, registrada no livro *Pretextância* – título, aliás, colhido de um de seus poemas.

**Encontros** – Em que pese esse protagonismo, a diretora do DEDS e coordenadora adjunta do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros, Indígenas e Africanos (NEAB), Rita de Cássia dos Santos Camisolão, adverte que a diversidade cultural que passou a se fazer presente no corpo de alunos a partir das cotas ainda é comumente ignorada na academia. Nesse quadro, tomam relevância iniciativas que promovam o diálogo intercultural e que tragam essa diversidade especialmente para o âmbito do ensino acadêmico.

Uma dessas iniciativas partiu de uma equipe de trabalho reunida no NEAB – a partir de sua fundação em 2014. Lá foi gestada a proposta de criação da disciplina de graduação Encontro de Saberes, seguindo iniciativa gestada na Universidade de Brasília em 2010 sob a orientação do antropólogo e professor José Jorge de Carvalho. Este entende que essa disciplina dá continuidade ao que foi o processo de implantação das cotas étnico-raciais na universidade. Para ele, não adianta só entrarem os alunos como um público de aprendizes trazendo seus saberes e gerando outros problemas de pesquisa, outras perguntas, enquanto a estrutura da universida-

de demora mais a se mexer. “A disciplina busca mudar, a partir do ponto de vista da instância do poder, o lugar do ensino, do professor, da autoridade do saber. Esse é o passo adiante; é um desafio maior”, comemora Ana Lúcia Liberato Tettamanzy, professora do Instituto de Letras que fez parte do grupo que criou a disciplina e hoje constitui a equipe de docentes-anfitriões.

Para Ana, o Encontro de Saberes desafia sob todos os aspectos: desde criar, botar em funcionamento, até querer fazer parte dela como aluno ou professor, tudo exige. “Há um grau de imprevisibilidade, acontecimentos circunstanciais, que é a riqueza, que fortalece a imagem do encontro”, regozija-se. Ela entende que a conjuntura favorável encontrada na Comissão de Graduação (Comgrad) da Música, no Instituto de Artes – onde a disciplina está lotada –, foi muito importante para a sua implementação. Segundo a docente, há uma disponibilidade da comissão para fazer funcionar, já que é algo complexo, pois chegam matrículas, virtualmente, de todos os cursos da Universidade.

A primeira edição, no segundo semestre de 2016, contou com os módulos: *Artes Aplicadas*, com o Mestre Jorge Domingos e as professoras Luciana Prass (Música) e Ana Lúcia Tettamanzy (Letras); *Plantas e Espírito*, com a Mestra Iracema Rã-Nga Nascimento e as professoras Marília Stein (Música) e Rumi Kubo (Economia); *Sociedades e Cosmovisões*, com a Mestra Maria Elaine Espíndola e os professores Carla Meinerz (Educação) e Eráclito Pereira (Museologia); e *Alimento e Rito*, com o Mestre Maurício Messa de Oliveira e os professores Ingrid de Barros (Agronomia) e José Catafesto (Antropologia).

**Armadilhas** – A relação intercultural pressuposta na disciplina impõe desafios enormes. Sergio Baptista da Silva, professor do Departamento de Antropologia e membro do Núcleo de Antropologia das Sociedades Indígenas e Tradicionais (NIT), adverte para o risco de se pensar que ela esteja relacionada simplesmente a uma troca de sabedorias. “É uma armadilha pensar que se possa colocar todo mundo numa mesma mesa e extinguir o discurso hegemônico; muitas vezes, mesmo políticas públicas acabam investindo nesse rumo, assimilando determinados tipos de minorias e colocando uma chancela estatal”, pondera.

A interculturalidade, de fato, não é uma mera tolerância à diferença. Ela passa por uma reflexão sobre as hierarquias entre saberes, que tendem a permanecer quando essas outras perspectivas são trazidas para dentro da universidade. “O processo de conhecimento ocidental muitas vezes não tem nada a ver com as lógicas das outras formas de conhecimento e aprendizagem”, aponta o docente. Tal constatação nos leva a uma armadilha mais sutil, que diz respeito ao próprio nome utilizado: “No Ocidente, pensamos a diferença a partir das culturas, mas outras cosmologias, como as de grupos indígenas, pensam a natureza como a ordem da diferença – então existiriam múltiplas naturezas, e não culturas. Ou seja, o termo interculturalidade traz pressupostos eurocentrados. Temos que estar atentos a isso. Seria possível falar de interculturalidade ou diálogo epistêmico. De qualquer forma, a simples presença da alteridade indígena, por exemplo, na universidade, não significa a realização de uma interculturalidade, porque as hierarquias e conflitos permanecem”, pontua.

Sergio indaga: “Que sujeitos são esses que a universidade está incluindo? São sujeitos individuais ou coletivos?”. Para ele, trata-se de outras ordens que a gente, como sociedade

FOTO: FLÁVIO DUTRA/JU



FOTO: ACERVO DA DISCIPLINA ENCONTRO DE SABERES



**Saberes indígenas se inserem no currículo de estudantes de graduação pela mão de mestres como Iracema Rã-Nga Nascimento (fotos acima). Em saída de campo a sua casa, no segundo semestre de 2016, os alunos puderam conhecer as plantas utilizadas pela comunidade kaingang**

competitiva e individualista, tem enorme dificuldade de compreender. Magali Mendes de Menezes, professora da Faculdade de Educação e integrante do projeto Saberes Indígenas na Escola, reconhece que, para realizar esse diálogo, é crucial a disposição para olhar e sentir o outro e saber que há algo a ensinar e algo a aprender; é preciso predispor-se para desenvolver uma escuta sensível.

# Reaprender a sentir e a escutar na academia

Duan conta que sua avó era benzedeira e transmitiu a ele seus conhecimentos por meio da oralidade. Ele diz que valoriza esse momento de escuta, que desejaria para si também. É isso que está em jogo no trajeto retórico que percorremos até aqui, de seu ingresso na Universidade ao advento do Encontro de Saberes, disciplina para a qual tentou vaga, mas ainda não foi contemplado. Neste semestre, o estudante foi um dos mais de 200 candidatos com solicitação de matrícula extracurricular.

Essa corrente de ancestralidade que faz parte de sua vivência esteve contemplada no âmbito do ensino pelos conhecimentos compartilhados por Mestra Elaine no terceiro módulo da disciplina no ano passado. Observando suas aulas, impressiona o profundo impacto que sua fala tem em muitos alunos, dando uma dimensão viva do que significa na prática a ancestralidade. Esse arrebatamento se reforçou na saída de campo para conhecer o Percurso do Negro em Porto Alegre, oportunidade em que alguns estudantes redescobriram a cidade e a si mesmos.

Amanda Rocha, aluna do 7.º semestre da Licenciatura em História, revela que a disciplina teve repercussões imensas em sua vida. “Mudou a minha relação com o mundo, com a cidade, com a natureza e as pessoas. Hoje me sinto muito mais ligada à natureza e à ancestralidade.”

A mestra avalia positivamente a interação com os alunos. “Eles se comovem e vêm contar que lembraram do que a avó dizia e refletem que nunca pensaram que seria tão importante. Esse é o contato de mudança em relação ao preconceito. Minha presença aqui também vai nesse sentido. A Universidade, de dentro pra fora, também está abrindo seu espaço, então não se pode perder esse grupo que está aí fazendo isso acontecer”, arremata.

**Representatividade** – Elaine foi a primeira mulher de sua família a fazer um curso secundário; tornou-se professora. “E depois ainda vim parar na Universidade. É uma conquista estar aqui”, admira-se. E continua: “Estou empoderada da minha vivência, o que me faz ter uma convicção do que estou falando, porque eu caminhei esse pedaço e guardo uma memória. Sou guardiã de um legado que recebi da minha avó, que era benzedeira, e da minha mãe, a Marizinha, que foi conselheira da escola de samba Praiana.”

Eráclito Pereira, docente-anfitrião da mestra, revela que Elaine tem trajetória muito grande como professora de braille. É griô reconhecida pela Câmara de Vereadores de Porto Alegre, ou seja, é uma mestra popular de cultura afro-brasileira que preserva e transmite sua ancestralidade e seus saberes tradicionais por meio da oralidade. Ela atua em diversos conselhos de representatividade popular por moradia, de direitos quilombolas, de saúde da população negra, de mulheres e de cultura. Defende o Mocambo – associação comunitária que ajudou a criar – como espaço de resistência e de preservação da memória negra em Porto Alegre como patrimônio imaterial.

Elaine se surpreende de ter ministrado as aulas: “Como é que chegaram a mim, porque não sou só eu, tem outros também?”. Ao mesmo tempo, Eráclito contempla nela uma alegria por estar na UFRGS: “E nós ficamos contentes de recebê-la, porque nessa troca de saberes não somos nós que a escolhemos, é ela quem nos escolhe. A relação se dá num processo constante de ouvir e sentir e se deixar transformar. Na verdade, é uma troca de múltiplos saberes. Não é um espaço em que a mestra saiba mais do que nós; é um aprendizado coletivo”.

Além das trocas, Elaine vê mais um aspecto relevante no Encontro. E formula de maneira um tanto enigmática: “Que bom que está aqui uma grande maioria, mas que pena que outros que também tinham que ver que chegamos lá, que tem uma mulher negra dizendo de sua experiência, não estão”. Ela explica que a participação para os mestres não é currículo, mas os alunos que estão presentes precisam do certificado. “Depois, em sua atuação profissional, eles entendem a importância que foi terem nos ouvido. Se não conseguiram ouvir dos seus, ouviram de nós”, arremata. Nesse ponto, aproxima-se da Mestra

Iracema, que ministrou o segundo módulo. Esta alude também à trajetória futura dos estudantes, conjecturando sua atuação no campo do poder político ou mesmo econômico e reconhecendo a importância das possíveis repercussões para as comunidades tradicionais no fato de que tenham escutado os mestres e experienciado um pouco de suas vivências.

**Espiritualidade** – Mestra Iracema é representante do povo indígena kaingang. Em suas aulas, nas quais também esteve presente seu marido, Mestre João, foram confeccionados chocalhos, exploraram-se diferentes usos para plantas nativas observadas no território em que habita, e os alunos tiveram a oportunidade de conhecer seu modo de vida e conviver com sua família.

Rumi Kubo, docente-anfitriã da mestra, afirma que não é à toa que é Iracema a pessoa a ser recebida. “Ela já vem de uma caminhada de aproximação com a Universidade, tem um histórico que começa, no caso de meu contato com ela, na década de 1990, quando sua família foi morar no Morro Santana, onde é área da UFRGS. Ali começou a haver tensões: numa área protegida da cidade, havia indígenas retirando cipó. A gente acompanhou e tentou apoiar a luta pela legitimidade de ela estar lá colhendo o cipó não somente para a sobrevivência dos seus, mas, sobretudo, para a transmissão de um modo de vida”, rememora.

Além da participação no Encontro, a proximidade de Iracema com a Universidade também se renova com a participação, desde 2013, no Projeto Saberes Indígenas na Escola, coordenado na UFRGS pela professora Maria Aparecida Bergamaschi. Na iniciativa, a mestra kaingang é formadora e pesquisadora atuante.

**Carga afetiva** – Rumi relata que as aulas foram planejadas a partir do diálogo com Iracema. Muito, porém, foi também se consolidando à medida que as coisas iam acontecendo. “As primeiras aulas foram de muita angústia, porque a gente não sabia exatamente o que ia acontecer. Foi essencial estar em campo. A sala de aula é um espaço primordial para a universidade, mas o fato de estar em outro local dava outra forma para as aulas dela”, admira-se.

Ana Tettamanzy observa que surpreende muito também a carga afetiva envolvida: “Quando fomos à casa de Iracema e João, no Morro Santana, eles nos deram uma abertura enorme. Além disso, foi impactante a fala do Mestre João: ‘Por que o homem branco não consegue conciliar o progresso e a natureza? A mata tem tudo, e nós aprendemos essa lição faz tanto tempo!’. Eu via os alunos pensativos. Isso tem uma potência que tenho até dificuldade de avaliar”.

Por outro lado, reflete a docente, é claro que houve também estudantes que não aguentaram, que se assustaram, que se questionaram se aquilo era uma aula mesmo. “Essa é uma boa questão também”, pondera. Houve, ainda, o estranhamento surgido por parte de alguns que não chegavam a compreender de forma literal o que a Mestra Iracema dizia, mas que podiam sentir algo diferente nos ritos com que ela os envolvia.

Francisca Dilger, que cursava o 6.º semestre em Psicologia quando foi aluna da disciplina, compara o Encontro de Saberes com o restante de sua experiência acadêmica e constata que o que os mestres puderam trazer foi a possibilidade de se buscar uma sabedoria que não está apenas no papel, mas em muitos outros lugares: “dentro de nós, na natureza, na terra, na água, nas outras pessoas que estão conosco”. Ela conclui: “Abriu um pouco os nossos horizontes tão acostumados que estamos a ler, escrever e falar sobre experiências, porém não a senti-las”.

**Maria Elaine Espíndola (fotos abaixo) traz ao ambiente acadêmico seus conhecimentos ancestrais relacionados a sociedades e cosmovisões**



FOTO: AGENCIA DA DISCIPLINA ENCONTRO DE SABERES



FOTO: FLAVIO DUARTE/UFPA



O Projeto Conversações Afirmativas trouxe à Universidade uma roda de samba com nomes consagrados do gênero em Porto Alegre. Da esquerda para a direita, estão Delma Gonçalves, Mamau de Castro, Renato Borba, Queixinho, Wilson Ney e Evaldo

## A dimensão do afeto

Ao avaliar a realização do Encontro de Saberes, a professora do Instituto de Letras Ana Tettamanzy aponta que a dificuldade está nos deslocamentos em relação às práticas acadêmicas rotineiras. Ela notou que, para alguns estudantes, foi só na saída à aldeia Mbyá-guarani, no último módulo da disciplina, que algumas coisas se revelaram. “A autenticidade que vinha da força da fala do Mestre Maurício, a relação dele com as plantas. Ali eu senti que houve um momento quase epifânico para muitos alunos, quando já era o final do semestre. Para eles e para o mestre, foi muito forte terem plantado juntos mudas na aldeia. A conexão se deu pelas plantas. Essa, para mim, foi uma das aprendizagens mais significativas”.

O professor do curso de Museologia Eráclito Pereira, por sua vez, comenta que viu no grupo de alunos uma postura muito crítica e curiosa. Em função disso, atenta para a necessidade de se ter cuidado: “A proposta não é o exótico, mas sim a percepção da diferença que às vezes está do nosso lado e a gente não nota”. Nesse sentido, o grau de imprevisibilidade que constitui a riqueza da disciplina, também pode ser sua ruína.

Isso remete ao indispensável compromisso com a ética, em busca da preservação dos mestres. “Temos um universo fantástico e,

ao mesmo tempo, delicado, já que tratamos com uma ancestralidade sobre a qual nós não temos legitimidade para falar. Me questiono sempre: quem tem legitimidade para falar em nome de determinada expressão? Tem que se ter uma sutileza ao abordar essas situações. Entretanto, por mais duras que sejam, estas precisam ser tensionadas para que se tenha a ampliação da visão crítica. É preciso um cuidado muito grande no sentido do exercício ético para que não haja um ferimento da cidadania desses mestres”, resume Eráclito.

Num ambiente em que, ainda em 2016, um estudante indígena sofreu uma grave agressão, a ponto de não se sentir em condições de retornar à Universidade, a vigilância em relação à proteção da integridade física e moral dos mestres é uma realidade. Por outro lado, o Encontro de Saberes constitui-se também em uma forma de abordar a própria questão da intolerância, na medida em que colabora para a compreensão sobre distintos percursos e vivências dos sujeitos.

Isso se reafirma na proposta da disciplina de trabalhar com a dimensão do afeto. “Quando a Mestra Iracema diz: ‘Eu confio em vocês, eu confiei para deixar os kaingang aqui, eu confio nos professores. Confiam em nós

também. Nos acolham, nos escutem, conversem com a gente, vejam que a gente existe, estejam também do nosso lado nas audiências’; quando ela diz que acredita que as pessoas que estão na disciplina vão sair diferentes e vão enxergar melhor os filhos dela que estão na Universidade, é essa a potência”, conclui Ana.

**Conversações** – Outro movimento catalisador dos afetos e da promoção da escuta de distintos saberes dentro da UFRGS – especialmente aqueles que passaram a ingressar na graduação com a reserva de vagas – é o Projeto Conversações Afirmativas, promovido desde 2010 pelo Departamento de Educação e Desenvolvimento Social (DEDS).

No encontro *Sambistas do Sul – mas aqui tem samba?*, compareceram sambistas gaúchos para cantar e contar suas histórias sobre o estilo musical. O evento aconteceu ao ar livre, sob as árvores do jardim atrás do prédio da Rádio da Universidade. Rita Camisolão, diretora do DEDS, lembra que, em vez de um estorvo, a roda de conversa e música se constitui em uma ocupação de espaço numa perspectiva plural. “Quando a gente tem ações institucionais, como o Conversações Afirmativas, a promoção desses espaços já não é mais de coletivos

apenas, mas da própria instituição, que abre suas portas. Penso que precisamos cada vez mais disso, com ações que venham em frentes distintas. A Universidade precisa enfrentar os desafios que o público está apontando. Há muita gente, entre servidores e alunos, percebendo essas necessidades e eles estão dispostos a responder a elas. Então, a gente precisa, enquanto instituição, encontrar os caminhos. Neste momento, ainda não há uma definição clara sobre isso”, conclui.

**Catarse** – A edição *Desafios da Permanência na Universidade* foi a de maior carga emocional. Alunos de pré-vestibulares populares, estudantes de graduação e de pós-graduação compartilharam seus percursos e percepções.

Também identificaram resistências e preconceitos enfrentados por parte de colegas e do sistema universitário.

Mais intensos nessa edição, momentos de catarse são comuns nos encontros. “Em todos os espaços em que se pautem as políticas de ações afirmativas e que, em alguma medida, se abram oportunidades para as pessoas fazerem avaliações, isso tem acontecido. Os eventos se transformam em espaços de acolhimento. Se são ponderações que servem para a instituição se avaliar e se adequar, eu acho apropriado; mas às vezes aparecem ocorrências graves. A gente procura se antecipar e promover um espaço que não permita exposições tão intensas que a gente não saiba como conduzir”, avalia Rita.

### ENCONTRO DE SABERES

A inscrição na disciplina Encontro de Saberes (ART03946), vinculada ao curso de Música, deve ser feita durante o período de matrícula. Ela é eletiva para os cursos de Artes Dramáticas, Matemática (Licenciatura Diurna e Noturna), Museologia e Música. Alunos de outros cursos devem solicitar matrícula extracurricular. A carga semanal é de 4h/aula.

### CONVERSACIONES AFIRMATIVAS

A ação de extensão promove a discussão sobre memória e patrimônio de negros, indígenas e comunidades de periferia. Os encontros são gratuitos e têm duração de três horas. Para servidores da UFRGS, o evento conta como ação de capacitação. Mais informações pelo e-mail [deds@prorext.ufrgs.br](mailto:deds@prorext.ufrgs.br) ou pela página no Facebook: DEDS – UFRGS.